

Disciplina: FLF0218: Estética I
Turma: 2016201- Período: noite
Turma: 2016202- Período: tarde.
Professor: Ricardo N. Fabbrini.

Trabalho de Fim de curso:

Escolha um dos seguintes temas:

1ª) Comente a seguinte afirmação: "Produzir uma relação com o moderno que não signifique nem um apelo nostálgico nem uma denúncia edipiana de suas insuficiências repressivas constituiu uma missão complexa para nossa historicidade, cujo sucesso pode nos ajudar a recuperar algum senso de futuro e das possibilidades de mudança genuína" (Cf. Fredric Jameson, "'Fim da arte' ou 'fim da história'". *In A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis, Vozes, 2001, p. 91).

2ª.) Comente a seguinte afirmação: "O sentimento de que não estamos destinados a *completar* o projeto da modernidade (a frase é de Habermas) e de que nem por isso necessitamos cair na irracionalidade ou no frenesi apocalíptico e o sentimento de que a arte não persegue exclusivamente um *telos* de abstração, não-representação e sublimidade têm aberto um leque de possibilidades para os esforços criativos atuais. De certo modo, isso altera nossa concepção do próprio modernismo. Em vez de ficarmos atados a uma história unilinear da modernidade que a interpreta como desdobramento lógico em direção a um objetivo imaginário, e portanto fundada numa série de exclusões, começamos a explorar suas contradições e contingências, suas tensões e resistências internas a seu próprio movimento "para adiante". O pós-modernismo está longe de tornar o modernismo obsoleto. Pelo contrário, ele joga uma nova luz sobre o modernismo e se apropria de muitas de suas estratégias e técnicas estéticas, inserindo-as e fazendo-as trabalhar em novas constelações" (Andréas Huyssen. "Mapeando o pós-moderno. *In* Heloísa Buarque de Hollanda (org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p. 73).

3ª.) Comente a seguinte afirmação: "De fato, a modernidade pode ter triunfado de maneiras imprevistas em nossas sociedades de consumo plenamente desenvolvidas, dirigidas pelo capital empresarial e pela globalização financeira. Mas se o modernismo é a nossa Antiguidade, como afirma Clark, também deve ser possível continuar a trabalhar a partir das ruínas desse edifício, tanto quanto fez o próprio modernismo

com a herança cultural de épocas anteriores” (Andréas Huyssen, “Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória.” Rio de Janeiro: Contraponto/ Museu de Arte do Rio, 2014).

4ª.) Comente a seguinte afirmação: “Quando Le Corbusier pôde finalmente realizar seus projetos (...) justo as instalações comunitárias não foram utilizadas - ou foram suprimidas. A utopia de uma forma de vida pré-concebida (...) não se pôde encher de vida. E isto não apenas por causa da apreciação irremediavelmente subestimada da multiplicidade, complexidade e mutabilidade dos modernos mundos da vida, mas também porque as sociedades modernizadas, com suas conexões sistêmicas, excedem a dimensão que a fantasia do planejador acaso pudesse medir. As manifestações hoje evidentes da crise na arquitetura modernidade remontam menos a uma crise dela própria e, mais, ao fato de que ela se deixou voluntariamente sobrecarregar (cf. Jüergen Habermas, *Arquitetura Moderna e Pós-Moderna*. In “Novos Estudos CEBRAP”, nº 18, setembro de 1987, p. 122).

5º) Comente a seguinte afirmação: “No entanto, os próprios museus vão ser reformulados na medida desse novo contingente de visitantes-consumidores, tanto quanto de uma arte que se quer ela própria cada vez mais na escala das massas, na exata medida do consumo de uma sociedade afluyente. Mas aí, a impressão animadora diante de uma pequena multidão de usuários que acorre aos novos museus e parece se divertir com a desenvoltura de futuros especialistas dura pouco – a abolição da distância estética resolve-se num fetiche invertido: a cultura do recolhimento como um descartável. Ou seja, na outra ponta do processo descrito por Benjamin, assistimos a um resultado inverso ao que ele imaginava: a massificação da experiência de recepção coletiva da obra de arte, onde a relação distraída não é mais do que apreensão superficial e maximamente interessada da obra enquanto bem de consumo” (cf. Otília Arantes, *Os novos museus*. In “O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo, Edusp, 1993, p. 240).

6ª.). Comente a seguinte afirmação: “Dito isso, os artistas relacionais constituem um grupo que pela primeira vez desde o surgimento da arte conceitual, nos meados dos anos 1960, não se apoia absolutamente na reinterpretação de tal ou tal movimento estético do passado; a arte relacional não é o *revival* de nenhum movimento, o retorno a nenhum estilo; ela nasce da observação do presente e de uma reflexão sobre o destino da atividade artística. Seu postulado básico – a esfera das relações humanas como lugar da obra de arte – não tem precedentes na história da arte, mesmo que, a posteriori, apareça como evidente pano de fundo de qualquer prática estética e como tema modernista por

excelência: basta reler a conferência por Marcel Duchamp em 1954, "O processo criativo", para se convencer de que a interatividade não é uma ideia nova. A novidade está em outro lugar. Ela reside no fato de que essa geração de artistas não considera a intersubjetividade e a interação como artifícios teóricos em voga, nem como coadjuvantes (pretextos) para uma prática tradicional da arte: ela as considera como ponto de partida e de chegada, em suma, como os principais elementos a *dar forma* à sua atividade". (cf. Nicolas Bourriaud, "Estética Relacional". São Paulo, Martins, 2009, p.61-62).

Data da entrega do trabalho: 29 de novembro (entregar na secretaria).
Limite: 14.700 caracteres.